

# Moradores querem o fim do estigma

Os pioneiros de Ceilândia também consideram uma injustiça a fama de cidade mais violenta. O maranhense Antônio Augusto da Costa, 62 anos, sente muito orgulho da cidade e fica aborrecido com essa fama. Ele é uma das 80 mil pessoas que foram removidas em 1971, pela Comissão de Erradicação das Invasões (CEI), das favelas do IAPI, vilas Tenório, Esperança e os morros do Urubu e do Querozene, para a cidade que nascia.

“Foi aqui que criei meus filhos e consegui realizar meu maior sonho: ter uma casa”, diz. O paraibano Milton Costa Brasileiro, dono do Brasileirinha Supermercados, é outro defensor da cidade. Ele veio da invasão do IAPI e conseguiu montar o seu negócio quando a cidade só tinha barracos, sem água e luz. “Tudo que tenho devo a esta cidade”, resumiu.

A primeira administradora de Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia, também sente orgulho da cidade e diz sofrer quando encontra um buraco na rua. Para ela, é preciso criar urgentemente um plano de emprego e renda para a cidade, por intermédio de pólos de indústrias não poluentes e fortalecimento das micro e pequenas empresas.

O garçom desempregado Geraldo Luiz da Silva, 41 anos, confirma a preocupação da ex-administradora. Sua família foi removida da invasão do IAPI. “Se não fosse por minha mãe já teria saído de Brasília, onde não há mais empregos”, disse.

O caminhoneiro Geraldo Correa da Silva, 37 anos, está surpreso com a violência na cidade. Ele tinha seis anos quando Ceilândia surgiu. Depois de viver dez anos em Caratinga(MG), voltou há cinco anos para Ceilândia Norte. Sua família está amedrontada com os assaltos e o tráfico de drogas existente nas quadras. “A droga corre solta e não há policiamento”, diz.